

OLHARES SOBRE O SERTÃO A PARTIR DOS ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS E LITERÁRIOS

VIEWS OF THE Hinterland FROM HISTORIOGRAPHIC AND LITERARY STUDIES

Carmem Barroso Ramos¹ - UEMASUL
Ilza Leia Ramos Arouche² - UEMASUL

RESUMO

O presente texto pretende discutir o tema Lugar e Sertão a partir da literatura historiográfica de trabalhos dos autores Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Carlota Carvalho, Darcy Ribeiro e seus comentadores. O percurso teórico do texto transita no debate acerca da formação do povo brasileiro, a identidade nacional, a multiculturalidade sertaneja em seus espaços de vivência que incorpora análises de um país preñado de saberes. A partir do referencial teórico escolhido nos debruçamos a olhar sobre a formação dos grupos socioculturais que adentraram no interior do Brasil em sua saga que misturou o ímpeto de desbravar e criar raízes em lugares que acreditavam ser desabitados. Esses grupos aprendendo práticas e táticas de sobrevivência forma um ambiente denominado de sertanejo que se ressignifica cotidianamente.

PALAVRAS-CHAVE: História; Sertão; Identidade.

ABSTRACT

This text intends to discuss the theme Lugar e Sertão from the historiographical literature of works by the authors Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Carlota Carvalho, Darcy Ribeiro and their commentators. The theoretical path of the text goes through the debate about the formation of the Brazilian people, the national identity, the multicultural nature of the country in their living spaces that incorporate analyzes of a country full of knowledge. Based on the theoretical framework chosen, we looked at the formation of socio-cultural groups that entered the interior of Brazil in their saga that mixed the impetus to pioneer and establish roots in places that they believed to be uninhabited. These groups learning survival practices and tactics form an environment called sertanejo that resignifies itself on a daily basis.

KEYWORDS: History; Sertão; Identity.

DOI: 10.21920/recei720206192130

<http://dx.doi.org/10.21920/recei720206192130>

¹Doutora em História (UNISINOS). Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras (CCHSL). Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) E-mail: carmembarr@uemasul.edu.br / ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8036-4490>.

²Doutora em Linguística (UNISINOS). Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras (CCHSL). Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) E-mail: ilzaleia@uemasul.edu.br / ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2362-8004>.

INTRODUÇÃO

O trabalho parte do levantamento bibliográfico dentro da historiografia brasileira voltado para a entender a identidade nacional, assim como enveredar pela discussão do ambiente físico e cultural designado sertão. A partir da pesquisa bibliográfica, construída em torno do debate clássico e contemporâneo, como o uso da literatura popular (literatura de cordel) foi captado as categorias de análises relativo a imagem do sertão imerso no debate da identidade nacional.

As percepções da vivência do sertanejo está frequente nos trabalhos de Capistrano de Abreu (1907), Euclides da Cunha (2014), Darcy Ribeiro (2006), Carvalho (2000) e seus comentadores. Também se expressa na obra de Guimarães Rosa (2002) e na literatura de Cordel. A partir dessas leituras se buscou a reflexão sobre a formação dos grupos socioculturais que saem do litoral via interior do Brasil. A literatura de Guimarães Rosa (1994, p.343), que versa sobre dualidade do sertão como um lugar ou um não lugar, diz que, “O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado [...], o sertão é confusão em grande e demasiado sossego”. A poesia de cordel, por sua vez, analisa a identidade e cultura sertaneja a partir do chão das lutas, no encontro diário com o itinerário da vida real, dando sentido a formação multicultural de um povo.

Considerando que a categoria sertão tem dimensões socioterritoriais e culturais ampliadas vale destacar que a pesquisa com fontes bibliográficas se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Gil (2002) diz que este tipo de pesquisa é indispensável nos estudos históricos, pois não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos. As imagens do sertão brasileiro e maranhense nos instigam a entender a memória do homem e da mulher do campo e seu cotidiano, usando de práticas e táticas de sobrevivência. Esse lugar congrega em torno de si a vida cabocla impregnada na identidade sertaneja, a figura do vaqueiro, a cultura gastronômica peculiar, a linguagem, as histórias e a convivência com uma economia de autoconsumo em contraste com a agroindústria da soja, do carvão, do eucalipto.

No interior sertanejo maranhense é observado os mais velhos nas portas de suas casas ou no alpendre que dá para o quintal ao cair da noite, conversando e contando muitas histórias, como reforça Alberti (2004) quando observa que as narrativas populares é uma de construção de saber, saber este fruto da experiência passada de geração a geração. Assim, o universo sertanejo pulsa no arcabouço da vida social. Mas como se configura essa tal identidade sertaneja?

Carlota Carvalho uma intelectual e professora itinerante que viveu no final do século dezenove e início do século vinte, traz informações sobre o mundo sertanejo maranhense e amazônico, pois, indo de fazenda em fazenda nos municípios de Riachão, Carolina, Montes Altos, Grajaú, Barra do Corda, Porto Franco, Imperatriz, Balsas, e algumas localidades do Pará alfabetizou crianças e adultos. Esses municípios por suas características geográficas são denominados de sertão em oposição ao litoral. Em sua experiência de professora itinerante viajando nos caminhos do nosso sertão escreveu a obra intitulada, O Sertão, nesse trabalho detalha os aspectos da historiografia e geografia da nossa região, assim como descreve a cultura dos moradores, índio, vaqueiro, agricultores, tropeiros, vareiros, boiadeiros e comerciantes navegadores dos rios regionais. Na sua obra denuncia de certa forma o coronelismo dominante da região. Carlota Carvalho transmite uma imagem nítida do sertão e das entranhas amazônicas e faz uma crítica ferrenha ao massacre da balaiada pelo governo da época.

O litoral representou as primeiras ocupações, ou seja, o nascimento das primeiras cidades, do comércio, do aparato administrativo e estatal e demais serviços públicos. As

instituições que caracterizam a cidadania se estruturam para dar sustentação às cidades então nascentes. No entanto, o sertão (interior) diferentemente do litoral foi marcado pela ausência dos aparatos administrativos e estatais, sendo um local de difícil acesso, devido praticamente não existir estradas. Por muito tempo o sertão foi estereotipado como atrasado e ainda hoje esses resquícios preconceituosos permanece no ideário da sociedade brasileira e maranhense. Esse fato expressa segundo Souza (2017) a distinção social, cultural e econômica que foi forjada na sociedade brasileira desde o Brasil colônia.

Basta um dedo de prosa com homens e mulheres sertanejas para se ouvir relatos sobre piadas e deboches de suas práticas de vida e de seu linguajar peculiar. Por outro lado, se torna forte fonte de inspiração para diversos artistas (poetas, músicos, comediantes). Narrativas populares traduzidas em poesias, estórias, prosa, anedotas, contos e canções são representativos das lembranças e vivências que emergem da memória dos mais velhos no sertão maranhense. Essas narrativas expressam as origens, daquilo que somos e daquilo que nos tornamos permeados de resiliência diante dos estereótipos criados.

O objetivo deste ensaio é discutir o tema lugar e Sertão, reforçadas nas várias percepções incluídas em trabalhos acadêmicos, dentre eles a visão de Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Darcy Ribeiro e Carvalho. Dessa forma, o intuito foi perceber como se deu a formação da identidade sertaneja partindo das análises teóricas sobre as origens do Brasil.

PANORAMA HISTORIOGRÁFICO SOBRE O CONCEITO DE SERTÃO

A palavra sertão de acordo com Araújo (2000), é de origem portuguesa, está presente na Carta de Pero Vaz de Caminha (folhas 10 e 13) “não duvido que por esse sertão haja muitas aves” e “pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande”. Araújo (2000) reforça que o primeiro e inequívoco significado do termo aponta para algo como “interior”, “longe do litoral marítimo”, não deixa dúvida da carta de doação da capitania de Pernambuco a Duarte Coelho, onde, a propósito de distribuições de terras, o rei determinou que as ditas sessenta léguas de terra se estenderão e serão de largo ao longo da costa e entrarão na mesma largura pelo sertão e a terra firme adentro. A ideia de grandes vazios desabitados aparece como um dos elementos definidores da noção de sertão. Essa ideia de vazios demográficos ainda se perpetua na lógica atual do capital em relação a exploração do cerrado brasileiro e também reproduzido no sul maranhense.

Capistrano de Abreu em seu trabalho intitulado *Capítulos da história colonial*, nos diz que o desbravamento das matas e florestas pedia esforços quase sobre-humanos para domar as asperezas da serra, romper massas de vegetação e enfrentar a hostilidade dos nativos. Esses grupos humanos eram brutalmente escravizados para transformar densas florestas em áreas de plantio. Nessa lida os paulistas lançaram os bandeirantes, que eram partidas de homens empregados em prender e escravizar o gentio indígena. Bandeirante, este nome prove talvez do costume tupiniquim referido a Anchieta, de levantar uma bandeira em sinal de guerra. A expedição era dirigida por um chefe supremo e abaixo marchavam muitos outros homens, entre padres e escravos (CAPISTRANO DE ABREU, 1907, p. 100).

Os primeiros ocupantes do sertão segundo Capistrano de Abreu (1907, p.118), passaram a vida bem apertada; não eram os donos das sesmarias, mas escravos ou prepostos. Os povoadores primeiros foram gente pobre: soldados idos de Pernambuco, mal pagos a ponto de raros poderem calçar sapatos e meias; ilhéus nobres, mas gente necessitada, impelida a emigração

pela procura: soldados rotos e despedidos tomados na guerra e abandonados nas costas pelos Holandeses.

Capistrano de Abreu (1907, p. 101) afirma que a parte geográfica das expedições correspondeu a seguinte:

Os bandeirantes deixando o Tietê alcançaram o Parahyba do Sul pela garganta de S. Miguel, desceram- no até Guapacaré, actual Lorena, e dali passaram a Mantiqueira, aproximadamente por onde hoje a transpõe a E. Frio e Minas. Viajando em rumo de Jundiahy e Mogy, deixaram á esquerda o salto do Urupungá, chegaram pelo Paranahyba a Goyaz. De Sorocaba Ipartia a linha de penetração que levava ao trecho superior dos afluentes orientaes do Paraná e do Uruguay. Pelos rios que desembocam entre os saltos do Urubupungá e Guayrá, trasferiram-se da bacia do Paraná para a do Paraguay, chegaram a Cuyabá e a Mato-Grosso. Com o tempo a linha do Parahyba ligou o planalto do Paraná ao do S. Francisco e do Parnahyba, as de Goyaz e Matto Grosso ligaram o planalto amazônico ao rio-mar pelo Madeira, pelo Tapajós e pelo Tocantins.

Capistrano de Abreu (1907, p. 128) complementa que no sertão colonial além da cana de açúcar plantava-se algodão e fumo; fio e o pano de algodão que corriam como moeda, e a criação de gado que implanta a cultura do couro.

Pode-se apanhar muitos factos da vida daquelles sertanejos dizendo que atravessaram a época do couro. De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos ; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o moco ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavallo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para cortume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz.

Cabral (1992) diz que no Maranhão os pastos nativos recortados por uma rica hidrografia tornaram-se alvos para as formações de grandes fazendas, onde os colonos apropriando-se do território marcaram seus domínios. Os criadores de gado, de fato, criam uma cultura do couro. Assim, o uso do couro, em sua variada dimensão, econômica, social e cultural, transformou o universo sertanejo. Hoje os resquícios da cultura do couro estão diluída nas festas de vaquejadas e exposições agropecuárias no interior do nordeste brasileiro, sendo introjetado na indústria cultural através consumo do entretenimento.

A riqueza mineral do sertão deixou o governo imperial avido por colocar a mão em tais minérios, principalmente o ouro. Então, quando foram descobertas as jazidas, houve um grande fluxo migratório e o povoamento aconteceu com rapidez. Juntamente com a economia mineral, desenvolveu também a expansão dos rebanhos bovinos. As vilas surgiam de missões religiosas, capelas de devoção, feiras de gado, rancho de pouso de tropeiros, e até a partir de reuniões de lavradores e agregados expulsos pelo dono de propriedades (ARAÚJO, 2000).

Incorporada à história da colonização do Brasil, o vocábulo Sertão ressurgiu nos títulos de livros publicados no final do século XIX - Sertão de Coelho Neto e Pelo sertão de Afonso Arinos. No início do XX, *Os sertões* de Euclides da Cunha, caminhando pela literatura com Guimaraes

Rosa em *Grande sertão: veredas, e o Sertão* da maranhense Carlota Carvalho. Assim, se ampliou a linhagem cultural brasileira no que confere a significados variados ao tema do sertão.

Retornando a colonização ou exploração como expressa muitos historiadores, o Brasil demorou a compor-se como sociedade a partir de seu próprio nome. E continuou com seu povoamento, com suas fronteiras, também demorando com sua identidade. As imagens distorcidas começaram com a primeira visita dos portugueses, nos relatos de Pero Vaz de Caminha. A partir de uma intervenção portuguesa nada passava sem “*os olhos e ouvidos do rei*”: da economia às ações da cultura, do povoamento ao alargamento das fronteiras para a constituição do vasto território.

Capistrano de Abreu (1907) afirma que ao lado de semelhanças e diferenças no binômio litoral/sertão, não era possível ignorar o esforço do Estado em fazer uma integração, no sentido do controle das matérias primas. No fim do período colonial já eram conhecidos o que Capistrano de Abreu chamou de sertão de fora (da Paraíba ao Ceará) e sertão de dentro (Rio São Francisco ao Sudoeste do Maranhão). A economia passou a funcionar com a presença dos portugueses (no comando), dos africanos (como produtores) e dos índios (reserva de mão de obra) e as misturas passaram a acontecer. Essa miscigenação tornou-se generalizada na produção, no consumo, na cultura, mas separada no modelo hierarquizado trazido da sociedade europeia, tendo na ordem do Estado o controle mantenedor de um sistema e formador das imagens do Brasil. Naxara (2001) afirma que isto formou uma elite que mantinha os pés no território americano e a cabeça na Europa, se posicionando contra qualquer ideia que se designasse original do Brasil.

Os senhores das terras, do comércio, da burocracia e das forças militares que compunham os grupos controladores dos espaços e dos indivíduos mergulhavam numa ideologia contrária a uma ideia de Brasil original, ou seja, um Brasil independente das ideias estrangeiras. Essa elite é que representa ainda hoje a cultura benfazeja da sociedade. Ideologicamente agem no sentido de manter um discurso hegemônico. Enquanto o índio e o negro com seus matizes de cores representam a parte malfazeja, impregnada na discussão da elite dominante e que proporcionam a formação das imagens distorcidas concebidas pelos estrangeiros. Bresciani (2001), evidencia um fracasso cuja razão estaria na incapacidade intelectual da elite pensante brasileira aprisionada no círculo vicioso da busca de uma origem mítica fundada nas três raças-oscilando entre a inferioridade mestiça do povo e a sua hegemônica matriz europeia. Souza (2015) aborda essa discussão na obra *a tolice da inteligência brasileira* em engolir teorias sociais estrangeiras sem contextualiza-las diante da nossa realidade.

As intelectualidades formadas no seio dessa sociedade, manteve e difundiu essa matriz concebida nos moldes europeus por muitos dias e aplicou nas circularidades forçadas pelo Estado colonizador. O povoamento foi nutrido com esse modo de pensar e sentir. As fronteiras vão se alargando e as práticas oriundas da matriz se estabelecem. Dessa forma, Naxara (2001) afirma que no século XIX alguns intelectuais preocupados com a ausência de identidade da população nacional inicia um processo de pensar sobre uma identidade Brasileira, buscar possibilidades para seu povo sofrido e abandonado refletir sobre sua pouca ou nenhuma autoestima. Assim se procurou definir uma identidade e um lugar, tanto para a terra *brasilis* como para a variedade de povos que aqui habitavam.

Nessas práticas acontecem os equilíbrios e os desequilíbrios dos contatos dessas culturas, há desconstruções e reconstruções pelas apropriações dos fazeres locais e alhures, mas mantendo um foco hegemônico. Na territorialidade brasileira vai se desenhando um tabuleiro de culturas regionais e locais e um sentimento de brasilidade. Esse sentimento é o cerne onde crescerá a

diversidade e matizes que faz parte hoje de nossa realidade. Darcy Ribeiro (2006) reflete em relação a nossa inacabada identidade, o país não existe para si mesmo, desde o início da colonização até hoje. O Brasil é uma etnia nacional assentado num território próprio, no entanto, essa imagem se desfaz, dado que a uniformidade cultural e a unidade nacional teriam sido asseguradas por um processo contínuo e violento de unificação política, de supressão de toda a identidade étnica. Isso é bem explícito na visão preconceituosa em relação as populações indígenas, negras e sertanejas que ainda hoje são vítimas cruéis dos estigmas. Completa Ribeiro que somos um povo impedidos de ser povo, ou seja, não expressamos nossa verdadeira essência cultural.

Para Bresciani (2001), será necessário superar a condição de massa de nativos fruto da mestiçagem que viveu por muito tempo sem consciência de si, até se definir com uma nova identidade nacional de brasileiros. Assim, será necessário reflexões políticas sobre nossa condição de povo oprimido. A persistente busca da identidade no final do milênio parte das reflexões feitas sobre o processo colonial do Brasil, que nos leva ao questionamento de como nos descolonizar. Nessa discussão sobre a identidade nacional e sertaneja se vê vários entendimentos sobre a designação física e cultural do sertão, onde passa uma ideia de lugares ermos e com um sentimento de incompletude. Bolle (2008) mostra que Euclides da Cunha apresenta o sertão através de uma visão de cima: das serras escarpadas do planalto central rumo ao norte seguindo o eixo da Serra Geral até esta se rebaixar nos chapadões ondulantes do sertão da Bahia e se fragmentar nos confins de Jeremoabo e Monte Santo. Ele percebe o sertão como deserto, por seu isolamento geográfico e pouco povoamento. Dessa forma o sertão é visto como algo fora da civilização, como um "estranho território".

Contrapondo a visão euclidiana a estudiosa do sertão Maranhense Carlota Carvalho demonstra a existência de outros sertões quando descreve aspectos fisiográficos e a história da ocupação e povoamento da região do Sul maranhense.

O que nos sertões do Maranhão, Goiás e Mato Grosso chamam caatingas- mato alto constituído por grandes espécies vegetais, como aroeira, ipê e jatobá, árvores espaçadas, entremeadas de pastagens-, não têm semelhança com a raquítica e enfezada vegetação de uma pequenina e única parte do território da Bahia, magistralmente descrita por Euclides da Cunha no livro *Os Sertões* (CARVALHO,2000, p. 96).

Em sua análise sobre o sertanejo Euclides da Cunha diz: não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar-se de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. Em os Sertões manifesta-se a questão racial os tipos étnicos brasileiros, a diferenciação entre bandeirantes e sertanejos.

O olhar de Guimarães Rosa sobre o sertão de acordo com Bolle (2004) é o oposto da visão euclidiana, é uma perspectiva rasteira. Enquanto Euclides da Cunha sobrevoa o sertão de cima, o romancista caminha por ele como por uma estrada-texto. Ou então ele atravessa o sertão como um rio. O sertão em *Grande Sertão: Veredas* torna-se uma forma de pensamento, com estilo, composição e modo de pensar labirínticos. Trata-se de um labirinto narrado (a história

das errâncias de Riobaldo) entrelaçado com o labirinto da narração (o trabalho da memória). As frases do protagonista: “sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo”, “O sertão é do tamanho do mundo”, mostram essa característica labiríntica.

Assim, o sertão em Guimarães Rosa é uma porção de lugares, uma infinidade de territórios, uma miríade de espaços, múltiplos caminhos, caminhadas, travessias, encruzilhadas, ao mesmo tempo, todos os lugares e lugar nenhum (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009). No contexto histórico brasileiro Ribeiro (2006) enfatiza que o sertanejo nasce da miscigenação de europeus índios e negros. O jesuíta e o bandeirante que migram para o interior do Brasil deram origem aos grupos humanos que compõe o sertão: cangaceiro, caboclo, jagunço, beato, vaqueiro etc. A cultura do sertanejo é marcada pela atividade pastoril mesclada com a lavoura, estilo de vida simples baseado num intenso convívio social e organização familiar tradicional ligado a uma religiosidade singela.

Nos últimos trinta anos ainda segundo Ribeiro (2006) a tecnologia abriu novas perspectivas de vida econômica para o cerrado. A imensidão da planície ofereceria condições para o cultivo de soja (no caso mais específico Balsas-Ma). Assim os cerrados estão sendo invadidos por grupos de fazendeiros sulinos com suas maquinarias para o cultivo de cereais para exportação. Poucos sertanejos são absorvidos nesse novo ramo de trabalho. Ribeiro complementa, “Tenho em mente a imagem de uma feira de nordestinos, adultos e crianças, maltrapilhos, cabeça coberta com seus chapéus de palha e de couro, agachados, olhando pasmos as imensas máquinas revolvendo a velha terra do cerrado” (RIBEIRO, 2006, p.328).

Como sabemos as primeiras aglomerações urbanas começaram no litoral, desenvolvendo-se uma cultura próxima da metrópole, enquanto o sertão traz o seu oposto, uma carga negativa. A contradição e incompletude existente na identidade sertaneja sendo definida como rústica e sua cultura taxada de folclórica, beirando o primitivo fez o homem do sertão, segundo Araújo (2000) inventar espaços a cada passo e sobreviver num mundo de conflitos e de papéis bem marcados diferente dos habitantes do litoral.

Na concepção de Ribeiro (2006), o Brasil se tornou um moinho de gestar gente, resultante da miscigenação que desde o princípio da colonização portuguesa com um universo variado compôs também a vida cultural dita sertaneja. O espaço sertanejo maranhense compreende uma região que sofre mudanças na apropriação da terra frente o modelo de desenvolvimento econômico vigente no país.

As diversas vozes de estudiosos e dos artistas populares analisam com rigor a realidade do sertão, a exemplo do poeta Patativa do Assaré que expressa, “*Pra gente cantá o sertão, precisa nele mora, ter armoço de feijão e a janta de mucunzá, vive pobre, sem dinheiro, trabaçando o dia intero, socado dentro do mato, de apragata currelepe, pisando inriba do estrepe, brocando a unha-de-gato.*” Patativa do Assaré em sua forte poesia nos faz refletir sobre a situação de desigualdade do povo sertanejo. Nessa lida para ter o armoço de feijão e a janta de mucunzá o homem e a mulher sertaneja muitas vezes migravam com sua numerosa prole em busca de uma vida melhor. Patativa do Assaré complementa neste poema intitulado de *Vaca estrela e Boi fubá*, fala a sua dor ao sair de sua terra,

Seu doutor, me dê licença
pra minha história contar
Hoje eu tô na terra estranha,

é bem triste o meu penar
Eu já fui muito feliz
vivendo no meu lugar
Eu tinha cavalo bom
e gostava de campear
Todo dia eu aboiava [...]
Mas uma seca medonha
me tangeu de lá prá cá
Lá eu tinha o meu gadinho,
não é bom nem imaginar
Minha linda Vaca Estrela
e o meu belo Boi Fubá
Aquele seca medonha
fez tudo se atrapalhar [...]

A migração, portanto, é um fenômeno que conduz essas pessoas ao desterro do seu passado, forçando-os a reconstruir novos laços. Eclea Bosi (1994) evidencia que os deslocamentos constantes, fruto da vida moderna, obriga ao não enraizamento num dado espaço, ou comunidade de origem; complementa, que esse desenraizamento é uma condição desagregadora da memória condicionada pela busca de terra e trabalho para sobreviver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dicotomia entre tradicional e moderno nos impulsiona a repensar a configuração do espaço social-cultural do sertão maranhense hoje no que concerne ao desterro do homem do campo de sua identidade camponesa e as transformações da vida sertaneja a partir das origens do Brasil. O Estado do Maranhão caracteriza-se por ser uma área marcada por conflitos de variadas dimensões no que tange à disputa pela terra. Martins (1997) afirma que a situação agrária brasileira se constituiu, operando os mecanismos de interdição do acesso a terra por parte das populações pobres, que dependem de recursos financeiros elevados para obtê-la.

Ao mesmo tempo a propriedade da terra perdeu sua função principal de meio de produção para se transformar em meio de especulação. É notório que o Estado do Maranhão contempla enormes contradições sociais no seio de sua população, destacando conflitos entre posseiros e grupos empresariais, áreas de reflorestamento, siderurgia, exploração extrativista, entre outros. Nas palavras de Albuquerque Junior (2009) o desenvolvimento moderno chega ao sertão e os costumes desnudam, pouco sobra de legítimo. É o progresso moderno que vem em trilhos de trem e em estradas de rodagem. As transformações do sertão nordestino e especificamente maranhense em nova fronteira agrícola do país deixam a sociedade local, como reduto de uma cultura tradicional, vulnerável as mudanças abruptas porque passa essa região. A população se desenraiza de suas tradições socioculturais forjada pela proletarização da mesma.

Nesse contexto o sertanejo usa das práticas e táticas no cotidiano da vida num sutil movimento de ressignificação de sua vivência, jogando com os acontecimentos e ao mesmo tempo transformando-os em ocasiões oportunas. Em O Auto da compadecida de Ariano Suassuna seus personagens, Chicó e Joao Grilo usam das mais variadas táticas de sobrevivência diante das adversidades da vida árida do sertão. Assim, a vida sertaneja se refaz cotidianamente, o que garante a construção de uma identidade sertaneja.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. B. **Chuvas de verão. Antagonismos em equilíbrio em Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre.** In: BOTELHO, A.; SCHWARTZ, L. (Org.). Um enigma chamado Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALBERTI, V. **Ouvir e contar: textos em história oral.** Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D.M. Quando a gente não espera, o sertão vem: grande sertão: veredas, uma interpretação da história do Brasil e de outros espaços. **Revista ArtCultura**, v. 11, n. 18, 2009.

BOSI, E. **O tempo vivido da memória.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAPISTRANO DE ABREU, J. **Capítulos de História Colonial.** Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1988 (7ª edição); disponível também em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00157600#page/1/mode/1up>.

BRESCIANI, S. **Identidades inconclusas no Brasil do século XX. Fundamentos de um lugar-comum.** In: Memória. (Re) sentimento, indagações sobre uma questão sensível. Campinas –SP: Editora da Unicamp, 2001.

BOLLE, W. **Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil.** São Paulo: Duas Cidades; ed. 34, 2004, p.

CARVALHO, C. **O Sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil.** 2ª ed. Imperatriz: Editora Ética, 2000.

CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano. Artes de fazer.** Tradução: Ephraim Ferreira Alves Petrópolis, Vozes, 1994.

EUCLIDES DA CUNHA OBRA. Disponível em: <<http://www.euclidesdacunha.org.br/>> acesso em 23 de agosto 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTINS, J. S. **Exclusão social e a nova desigualdade.** São Paulo: Paulus, 1997.

NAXARA, M. **Natureza e Civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX.** In: Memória. (Re) sentimento, indagações sobre uma questão sensível. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SOUZA, J. **A classe mdia no espelho: sua história, seus sonhos e iluses, sua realidade.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SUASSUNA, A. **O auto da compadecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Auto_da_Compadecida.html?id.

Submetido em: junho de 2020

Aprovado em: outubro de 2020